

**A LEGENDIFICAÇÃO DO “FAIT-DIVERS”
O CASO DE MARIE-JOSEPHE CORRIVEAU:
A ENFORCADA ENGAIOLADA***

Sylvie Dion¹

RESUMO

No âmbito deste artigo, proponho analisar as diversas peregrinações de uma lenda canadense célebre a partir do “fait-divers” e dos acontecimentos históricos que lhe deram origem. Marie-Josephte Corriveau foi condenada pela Corte Marcial inglesa, em 18 de abril de 1763, na cidade de Québec, pela morte de seu segundo marido. A Nova França era há pouco tempo colônia britânica, o Canadá tinha sido cedido à Inglaterra pelo tratado de Paris, estando, portanto, sob regime militar. Esta mulher foi enforcada e, em seguida, para servir de exemplo, foi exposta publicamente em uma gaiola de ferro durante mais de 40 dias. O crime e o horror do castigo ficaram gravados na memória coletiva e, pouco a pouco, a lenda se revelara em torno da famosa gaiola, tornando-se, assim, o eco popular dos acontecimentos e transformando a Corriveau em uma envenenadora, uma assassina em série, uma bruxa póstuma e um fantasma vingador.

Palavras-chave: lenda, fait-divers, Canadá francês, análise do discurso.

RÉSUMÉ

Dans le cadre de cet article, nous proposons d'analyser les diverses pérégrinations d'une légende canadienne célèbre à partir du fait-divers et des événements historiques qui lui ont donné naissance. Marie-Josephte Corriveau fut condamnée à mort à Québec, le 18 avril 1763, par la cour martiale anglaise pour le meurtre de son deuxième mari. La Nouvelle-France était depuis peu colonie britannique, elle venait de céder par le traité de Paris le Canada à l'Angleterre et était encore sous le régime militaire. Cette femme fut pendue puis exposée publiquement en guise d'exemple dans une cage de fer durant plus de 40 jours. Le crime et l'horreur du châtiement resteront gravés dans la mémoire collective et peu à peu la légende se développera autour de la fameuse cage devenant ainsi

* Traduzido do francês por Mauren Pavão e Kelley B. Duarte.

¹ Etnóloga, professora adjunta do Departamento de Letras e Artes – FURG, PhD em Literatura Comparada pela Universidade de Montréal. E. mail: sylviedion@mikrus.com.br

l'écho populaire des événements et transformant la Corriveau en une empoisonneuse, une meurtrière d'habitude, une sorcière posthume et un fantôme vengeur.

Mots-clef: légend, fait-divers, Canada français, analyse du discours.

Não existe mulher, em toda a história canadense, que tivesse pior reputação que Marie-Josephte Corriveau, chamada comumente de "A Corriveau". Esta infeliz morreu há mais de dois séculos. Mas ela continua assombrando as imaginações. Fala-se ainda dela, de seu crime real e de seus crimes fictícios [...] Além do mais o nome da Corriveau é associado ao suplício excepcional, odioso e horrível que ela suportou: o fato de ser enforcada e exposta publicamente, durante um longo tempo, em uma gaiola de ferro que, mesmo desaparecida, foi o terror de muitas gerações.²

Assassina célebre, bruxa póstuma e fantasma vingador, Marie-Josephte Corriveau foi condenada à morte, na cidade de Québec, pela corte marcial inglesa, em 18 de abril de 1763, por ter matado seu segundo marido, Louis Dodier. A França tinha acabado de ceder, pelo tratado de Paris, sua colônia à Inglaterra. A Nova França era há pouco tempo colônia britânica³ e estava ainda sob regime militar, explicando assim o fato de uma civil ser julgada diante de uma corte marcial. Como explica o historiador Yves Tessier, "no momento do processo da Corriveau, os francófonos se sentem abandonados pela pátria-mãe. Eles sabem que deverão viver em uma colônia doravante inglesa, nas fronteiras ainda incertas, e que deverão fazer juramento às autoridades de língua e cultura diferentes".⁴ Condenada, na realidade, pela morte de um só marido, a Corriveau da lenda será rapidamente acusada da morte do seu primeiro marido, Charles Bouchard e, com o tempo, ela assassinará até 7 maridos, em circunstâncias cada vez mais horríveis⁵. A lenda conta, também, que ela foi engaiolada viva. Além de sua persistência na tradição oral, a história da Corriveau foi igualmente objeto de múltiplas narrativas literárias, peças de teatro, "complaintes" (canção popular em estilo de lamentação), inserindo-se nos primeiros romances da terra de Philippe Aubert de Gaspé pai e de William Kirby, nos quais ela se tornará bruxa

² LACOURCIÈRE, Luc. Le triple destin de Marie-Josephte Corriveau. *Les Cahiers des Dix*, n. 33, p. 213, 1968.

³ Em 1763 o tratado de Paris pôs fim a uma guerra de 7 anos (1756-1763) que opunha a Inglaterra e a Prússia à França e à Austrália. A França cede o Canadá à Inglaterra.

⁴ TESSIER, Yves. La Corriveau: une affaire de militaire. In: GUILBEAU, Nicole. *Il était cent fois la Corriveau*. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1995, p. 179.

⁵ Conferir as inúmeras variantes lendárias propostas no estudo etnológico de Nicole Guilbeault, *Il était cent fois la Corriveau*, Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1995.

e envenenadora⁶. A Corriveau oferece, como menciona Luc Lacourcière, um exemplo surpreendente das transformações de um "fait-divers" na memória coletiva. Mas, de fato, a bruxa mais famosa do Québec jamais foi bruxa, teria no mínimo – como o confessará durante seu processo – matado seu segundo marido por causa dos maus tratos que ele lhe infligia.

Marie-Josephte Corriveau nasceu em Saint-Vallier de Bellechasse, pequena vila situada ao lado sul do rio Saint Laurent, não muito longe da cidade de Lévis, em 1733. Casou-se em novembro de 1749 com um agricultor de Saint-Vallier, Charles Bouchard. Este homem vem a morrer de "febre pútrida", em 27 de abril de 1760. Marie-Josephte se casa novamente, em 20 de julho de 1761, com Louis-Étienne Dodier, também de Saint-Vallier. Em 27 de janeiro de 1763, ele é encontrado morto na estrebaria da família aos pés de seu cavalo. O corpo da vítima é enterrado na mesma noite, após a constatação de uma morte acidental por testemunhas do lugar. Contudo, o enterro precipitado, o mau relacionamento que a vítima tinha tanto com sua mulher quanto com seu sogro⁷, só fizeram alimentar o rumor público de um assassinato. "O procedimento era, pois, em todos os pontos, insólito. As reticências e propostas dos moradores, o processo precipitado, e mesmo a atitude dos familiares, tudo era de natureza a estimular as piores suspeitas. Sem dúvida, os canadenses quiseram acertar entre si esse caso embaraçoso, envolvendo o mínimo possível as autoridades inglesas de ocupação. Mas não se contava com o rumor público"⁸. O corpo de Dodier é exumado alguns dias mais tarde pelas autoridades inglesas que concluem tratar-se de um assassinato. As suspeitas recaem primeiramente sobre Joseph Corriveau, sogro da vítima, homem de temperamento sanguíneo e briguento que não gostava do seu genro e declarava isso abertamente. Depois de um primeiro processo na corte marcial, presidida pelo Tenente Coronel Morris, Joseph Corriveau é condenado ao enforcamento por homicídio. Quanto a Marie-Josephte, ela será condenada, como cúmplice, a receber sessenta chicotadas em praça pública e a ter a mão marcada, com ferro em brasa, com a letra M (de Murder, do inglês "Assassinato"). Joseph Corriveau se reconhecia culpado, mas

⁶ AUBERT de GASPÉ père, Philippe. *Les anciens canadiens*, 1864; KIRBY, William. *Le chien d'or*, 1884; FRÉCHETTE, Louis. *Une relique*, 1885; VIGNAULT, Gilles. *Une victime*, 1971; BEAULIEU, Victor-Lévy. *Coupable ou innocente*, 1976; HÉBERT, Anne. *La cage*, 1990; CLOUTIER, Guy. *Morte ou vivante*, 1993, para citar apenas alguns.

⁷ Conforme certas testemunhas do primeiro processo, Marie-Josephte Corriveau já havia tido vontade de deixar seu primeiro marido, ela tinha até mesmo sugerido ao sargento Alexander Fraser de lhe cortar a garganta. Quanto ao pai Corriveau, as numerosas e frequentes discussões que ele tinha com seu genro eram de conhecimento público.

⁸ LACOURCIÈRE, Luc. Le triple destin de Marie-Joseph Corriveau. *Les Cahiers des Dix* (1733-1763), 1968, p. 219.

dirão mais tarde que ele queria proteger sua filha, que exercia sobre ele uma grande fascinação. Entretanto, o superior dos jesuítas, Padre Glapion, após ter ouvido Joseph Corriveau em confissão, advertiu a justiça que o condenado tinha novas revelações a fazer, revelações que o inocentariam. Um segundo processo foi aberto, muito mais expeditivo dessa vez, acusando Marie-Joseph Corriveau. Seu pai foi eximido de toda culpa.

Ela se confessou culpada e declarou ter matado seu marido, enquanto ele dormia, com a ajuda de um pequeno machado⁹. Ela foi condenada ao enforcamento. A execução aconteceu em 18 de abril de 1763, num lugar chamado "Butte à Neveu", próximo às planícies de Abraham, na cidade de Québec. Seu cadáver foi, em seguida, colocado em uma gaiola de ferro (costume inglês: espécie de cerca de metal que mantém o cadáver no lugar) e ficou exposto em uma encruzilhada de quatro caminhos, em Lévis, para servir de exemplo, por várias semanas, até que as autoridades inglesas autorizassem a retirada do corpo. Como menciona Luc Lacourcière, esse castigo espetacular e prolongado devia manter sob os olhos da população o pesadelo da criminosa engaiolada, até que "a sensibilidade do (novo) governo" permitisse a retirada. A gaiola permaneceu na praça por volta de quarenta dias, até que o Capitão da Milícia Murray ordenou que fosse recolhida, em 25 de maio, em consequência de um requerimento dos moradores da região¹⁰: "Sua excelência, para melhor induzir os habitantes a cumprirem seu dever, procura lhes demonstrar suas benevolências e a sensibilidade do governo; é porque, esquecendo o passado, e desejando agradar a este governo em geral, e aos habitantes de vossa paróquia em particular, vos é permitido, no presente momento, tirar o corpo da viúva de Dodier da corda onde ela está enforcada, e de enterrá-la onde vos parecer melhor"¹¹. A gaiola só foi encontrada em 1850, por um coveiro do cemitério de Lévis. Parece que ela foi exposta na cidade de Québec e depois vendida como peça de museu aos Estados Unidos.

⁹ Marie-Joseph Corriveau, viúva de Dodier, declara que ela assassinou seu marido Louis Héline Dodier durante a noite enquanto ele dormia em sua cama; e que ela o fez com um pequeno machado, que ela não precisou da ajuda de ninguém para fazer isso, que ninguém sabia. Ela está consciente de merecer a morte. Ela pede somente à Corte que lhe conceda um pouco mais de tempo para se confessar e ficar em paz com o Céu. Ela acrescenta que, se ela foi culpada deste crime, isso se deveu aos maus tratos de seu marido. (Tradução de Luc Lacourcière de Copy of Proceedings, 15th day of April 1763), *O triplo destino de Marie-Joseph Corriveau (1763)*.

¹⁰ LACOURCIÈRE, Luc. Le destin posthume de la Corriveau. *Cahiers des Dix*, p. 240.

¹¹ Archives du Séminaire de Québec, Fonds Verreau, 42, n. 11 et B. Faribault, Polygraphie 27, n. 54. Citado por Luc Lacourcière em *Le triple destin de Marie-Joseph Corriveau*, op cit., p. 239.

Escutem, escutem, gente deste país, gente do presente, do passado também, gente do futuro que falará disso. A Corriveau, vocês a chamarão.¹²

Durante mais ou menos um século nada se escreverá sobre o drama de Marie-Joseph Corriveau até a publicação de *Les anciens canadiens*, de Philippe Aubert de Gaspé pai, que dará um novo sopro de vida à lenda, incorporando ao capítulo III de seu romance a história da Corriveau. Relembremos que em 1763 ainda não existem jornais na Nova França, a Gazeta de Québec só começará a aparecer em 1764. Nada foi publicado no momento da condenação da Corriveau, as peças oficiais do processo voltaram à Inglaterra. Na França, sem dúvida nenhuma, este "fait-divers" teria circulado sob a forma de "occasionnels" – publicação episódica comercializada por vendedores ambulantes e que informavam várias notícias curiosas e extraordinárias. A imprensa no Canadá francês começou de fato com o regime inglês. Antes dessa época, a Nova França estava totalmente dependente da metrópole no que diz respeito à informação impressa. Por conseguinte, apesar da aparição das primeiras gazetas, a informação circula pouco e mal. O analfabetismo é quase geral, o aprovisionamento em notícia é lento e difícil, sobretudo durante o inverno, o sistema postal se apresenta ineficaz e limitado. Ainda, os primeiros jornais se dirigem a uma elite instruída e tratam quase que exclusivamente de assuntos políticos e, grande parte do tempo, referindo-se ao continente europeu. No começo, e durante muito tempo, a imprensa canadense-francesa não se endereçará ao homem comum e, reciprocamente, ele consumirá poucos jornais.

Entretanto, o crime e o horror do castigo de Marie-Joseph Corriveau ficarão por muito tempo nas memórias, e a lenda se desenvolverá, pouco a pouco, em torno da força da encruzilhada de Lévis. A famosa gaiola se tornará o elemento mais estável que conservará o discurso popular e lendário.

Foi ela que matou seu marido

Ela lhe tinha pingado chumbo dentro das orelhas. Todavia, ela foi presa. Naquele tempo, estavam sob o regime francês [...] ela foi condenada e depois, para provocar medo nas pessoas, eles a colocaram dentro de uma...

- uma gaiola?

- Dentro de uma coisa feita de arame [...] Eles a colocaram dentro desta coisa

¹² VIGNEAULT, Gilles. *Une victime exergues*. Montréal : Nouvelles Édition de L'arc, 1971, p. 121-124.

em uma extremidade de um poste. E quando ventava, isso fazia barulho, (as pessoas diziam): "olhe, é a Corriveau", é o diabo.¹³

Durante um longo período de incubação, as narrativas das testemunhas oculares, das pessoas presentes no processo, dos membros das famílias envolvidas se misturam, se amplificam, circularão em um jogo de memória e de imaginação com muito mais liberdade do que todas as peças oficiais às quais o povo jamais teve acesso, e vão ser dissipadas ao acaso dos arquivos. Como explica André Jolles¹⁴:

A partir de certo ponto, a proeza do malfeitor pode objetivar-se em maldade ativa e se desprender dele, para lhe ser, em seguida, arrancada. A sua figura cristaliza-se, então; o gesto verbal se prende a ele e, mesmo depois de ele ter sofrido seu castigo como indivíduo, mesmo depois de sua execução, a culpa ativa, que é o seu malefício, sobrevive no seu personagem. Ele já não está presente, mas continua a existir, ele assombra os lugares, é um fantasma; traz consigo o infortúnio, está ligado no espaço ao local de suas malfeitorias. [...] Atribuem-lhe relíquias: o rochedo onde matou, a roda que serviu para supliciá-lo, todos os instrumentos de sua execução.

A lenda se tornará o eco popular dos acontecimentos. Antes do nascimento de uma imprensa popular, a transmissão oral era provavelmente o veículo privilegiado dos "faits-divers", termo que significa, ao mesmo tempo, o acontecimento que se produziu e a narrativa que dá conta disso. Se, de um lado, o homicídio é sem dúvida real, de outro ele só aparece a partir de representações. Como explica Barbara Michel, "é através das representações que o homicídio é apreendido, explicado, dissimulado, disfarçado ou batizado de nomes respeitáveis, ao mesmo tempo em que é denunciado, esperado ou temido".¹⁵ A oralidade é, por definição, mais flexível que a escrita, e o acontecimento, uma vez reinterpretado, transmitido, retransmitido, desembocará no curso dessas peregrinações sobre um conjunto de lendas bem articuladas. Narrativa didática, o discurso lendário explora os valores morais de uma comunidade, colocando em destaque ora um exemplo a seguir, ora um contra-exemplo, um comportamento que deve ser evitado a todo preço. Ainda, como tais narrativas eram veiculadas no interior da sociedade tradicional, os fatos, por si sós, eram alcançados,

¹³ Versão de um marido, em lenda recolhida em 1976 por Suzanne Chaloult. Informante: Albert Roy, 98 anos, de Saint-Vallier de Bellechasse. In: GUILBAULT, Nicole, op.cit, p. 26.

¹⁴ JOLLES, André. *Formes simples*. Paris: Seuil, 1972, p.48.

¹⁵ MICHEL, Barbara. *Figures et métamorphoses du meurtre*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1991, p.128.

compreendidos e explicados à luz dos conhecimentos e crenças dessa sociedade. A lenda é, de certo modo, uma apropriação da história, denunciando-nos como os membros da comunidade perceberam os acontecimentos históricos, grandes e pequenos. "História sem sujeito real, ou na qual os sujeitos perderam toda a substância objetiva, o "fait-divers" é, neste sentido, uma "representação". Ele deve ser acontecimento passado, ele deve ter perdido sua realidade, para poder ser reinjetado no imaginário coletivo", como explica Michel Maffesoli¹⁶.

Assassina, duas vezes viúva, chicoteada, marcada a ferro em brasa, enforcada, seu cadáver engaiolado exposto em uma encruzilhada, não seria preciso mais nada para fazer da Corriveau uma figura lendária, uma bruxa, uma envenenadora, uma assassina em série, mas também, sem dúvida nenhuma, uma vítima da justiça popular. A justiça e a sanção popular são sempre as primeiras a condenar. A comunidade organiza, primeiro, seus próprios negócios. Só chamamos as autoridades policiais em último recurso, e a violência conjugal fica restrita à área doméstica. O desvio, a transgressão aos bons costumes era severamente condenada pelo grupo, sobretudo as transgressões femininas. Relembremos simplesmente aqui uma prática da justiça popular chamada "Charivari", levada a efeito nos vilarejos da França e na Nova França para os casos de segundo casamento, com o qual o grupo está em desacordo (seja por tempo de viuvez, diferença de idade, seja por ameaça de herança). O "Charivari" é uma espécie de proclamação punitiva em torno da casa dos transgressores, onde se misturam os sons cacofônicos dos utensílios de cozinha e os ruídos confusos de vários instrumentos musicais heteróclitos, músicas, e os participantes encontram-se mascarados. O "Charivari" se adaptava à natureza da culpa e à personalidade dos culpados e ele podia durar de algumas horas a uma semana. Se, com o tempo, o discurso lendário virá a confrontar fatos históricos, lugares, tempos, do contrário ele tem em abundância detalhes sobre a Corriveau, apresentando-a como uma mulher muito bonita, uma mulher de má vida, uma bêbada, uma mulher perigosa, ciumenta, uma bruxa que falava e dançava com o diabo, justificando, assim, a crueldade de seu castigo. Contudo, o terrível suplício ao qual ela foi submetida fez igualmente da Corriveau lendária uma alma sem descanso, um fantasma vingador. Duas vezes viúva, de reputação duvidosa, Marie-Josephite Corriveau será rapidamente acusada pelo rumor público do assassinato de seu primeiro marido. Depois, os maridos se multiplicaram (até sete), juntamente com os meios de assassiná-los: envenenamento, chumbo pingado dentro das orelhas, garfo de agricultura, estrangulamento, agulha

¹⁶ MAFFESOLI, Michel. Une forme d'agrégation tribale. *Revue Autrement, Faits Divers*, n. 98, avril 1998.

espçada no coração, navalha. Mas a lenda nunca mencionará o pequeno machado, arma pouco feminina, embora a verdadeira arma do crime. Além de seus numerosos maridos assassinados, atribuem-lhe, por vezes, o assassinato de crianças.

Ela será igualmente associada e confundida com diversas assassinas e envenenadoras célebres: Marie Chapelle Lafarge, La Voisin e a Marquise de Brinvilliers¹⁷. Um crime que remete a outro, contribuindo, assim, para enriquecer a lenda da bruxa, envenenadora e devoradora de homens. Barbara Michel destaca que, mesmo que mate três vezes menos que os homens, a mulher assassina abre as portas do imaginário. “A representação da mulher assassina manifesta-se de forma mais perversa, mais maquiavélica, mais hipócrita e mais calculadora do que qualquer homem criminoso¹⁸, visto que ela se utiliza do veneno. Ela destaca que, de 75 casos de mulheres assassinas, 31 usam veneno. “As pérfidas esposas planejam a morte de seus maridos”¹⁹. Além do mais, a justiça é bem mais severa em se tratando da mulher assassina do que o contrário. Relembremos que, durante o primeiro processo, o pai Corriveau, considerado culpado, tinha sido condenado a ser enforcado. Sua filha, pelo mesmo crime, apanhará, será marcada com ferro em brasa, enforcada e engaiolada.

A Corriveau da lenda sobreviverá como fantasma e virá assombrar os lugares de sua desgraça, vilã-esqueleto engaiolada que participa dos *sabats* das bruxas da Ilha de Orleans, como conta Philippe Aubert de Gaspé. Os mortos vêm assombrar o mundo dos vivos por muitas razões. Algumas vezes, para ajudar seus próximos, outras, para punir ou cumprir uma promessa, ou ainda para se vingar. Este será o caso da Corriveau. A lenda, ao transformar os fatos reais em imaginário coletivo, persistirá, sobretudo, nos assassinatos, nos meios utilizados para se desfazer dos maridos. Entre o verdadeiro e o verossímil, o real e o fictício, a multiplicação dos detalhes, que parecem verdadeiros, vão enraizar a ficção no real. É assim que o sobrenatural intervém na realidade e que a justiça humana e a justiça divina se entrelaçam. A criminosa portará consigo, sob a moral aparente do exemplo, a não ser seguido, toda uma memória de lutas e afrontamentos.

¹⁷ Marie Capelle Lafarge foi acusada de ter assassinado seu marido Charles Lafarge, pretendendo curá-lo, mas dando-lhe arsênico. Charles Lafarge faleceu em 14 de janeiro de 1840, em Corrèze. Ela foi perdoada por Napoleão III em 1º de junho de 1852. La Voisin (Paris 1640-1680), parteira de abortos, cartomante, célebre envenenadora, foi acusada de ser bruxa, decapitada e queimada. William Kirby, em seu romance *Le chien d'or*, fará da Corriveau uma descendente da célebre Voisin. La Marquise de Brinvilliers (1630-1676) foi queimada na praça de Grève por ter envenenado seu pai e seus irmãos a fim de se apoderar da herança da família.

¹⁸ MICHEL, Barbara. *Figures et métamorphoses du meurtre*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1991, p. 54.

¹⁹ *Ibid.*, p. 54.

Discurso de prevenção e adversão, nascido da necessidade de demarcar o normal e o anormal, o moral e o imoral, a lenda relata a transgressão, o interdito. Os transgressores, pelo antimodelo que encarnam, colaboram com a norma e a coerência. Foi assim que Marie-Josephite Corriveau tornou-se assassina em série, envenenadora e fantasma vingador, passou à história diferenciando-se radicalmente das outras figuras lendárias femininas de santas, de mulheres vítimas, de personagens maternos, de anjos de doçura e passividade.²⁰

REFERÊNCIAS

ARCHIVES DU SÉMINAIRE DE QUÉBEC, Fonds Verreault, 42, n. 11 et B. Faribault, Polygraphie 27, n. 54.

AUBERT de GASPÉ père, Philippe. *Les anciens canadiens*. Montréal: FIDES, 1975.

BEAULIEU, Victor-Lévy. *Coupable ou innocente, la Corriveau*. Montréal: VLB, 1976.

BERTHELOT, Hector. *Le bon vieux temps*. Montreal: Beauchemin, 1924.

CLOUTIER, Guy. *Morte ou vivante, la Corriveau*. Montréal: Société Radio Canada, 1995.

DION Sylvie. Transgressões e crenças populares: o lendário do Québec. In: BÉLANGER, Alain; HANCIAU, Nubia; DION, Sylvie (Orgs.). *A América Francesa*: introdução à cultura quebequense. Rio Grande: FURG 1999, p. 225-241.

DION, Sylvie. Le fait-divers comme genre narratif. *Imprévue, Théorie(s) du texte et du genre, études sociocritiques*, n. 2, p. 45-55, Montpellier, 1988.

FRÉCHETTE, Louis. Une relique. In: *Almanach du peuple*. Montréal: Librairie Beauchemin, 1913, p. 302-307.

GUILBEAULT, Nicole. *Il était cent fois la Corriveau*. Québec: Nuit Blanche

²⁰ Reagrupadas sob o epíteto de “Damas de Branco”, essas personagens lendárias femininas encarnam ora a virgem Maria ora o fantasma de uma jovem moça morta prematuramente e que continua a assombrar os lugares do drama, como a “Blanche de Beaumont”, jovem francesa raptada por piratas, quando fazia sua travessia em direção ao Novo Mundo, e que preferirá jogar-se no mar a ceder aos avanços do pirata; e a “Dame des chutes Montmorency” que, desesperada com o anúncio da morte de seu noivo, vai jogar-se do alto da cachoeira.

- Éditeur, 1995.
- HÉBERT, Anne. *La cage*. Montréal: Boréal, 1990.
- JOLLES André. *Formes simples*. Paris: Seuil, 1972.
- KIRBY, William. *Le chien d'or*. Montréal: Stanké, 1989.
- LACOURCIÈRE, Luc. Le triple destin de Marie-Joseph Corriveau. *Les Cahiers des Dix*, n. 33, 1968.
- _____. Le destin posthume de la Corriveau. *Les Cahiers des Dix*, 1968
- MAFFESOLI, Michel. Une forme d'agrégation tribale. *Revue Autrement, Faits Divers*, n. 98, avril 1998.
- MICHEL, Barbara. *Figures et métamorphoses du meurtre*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1991.
- TESSIER, Yves. La Corriveau: une affaire de militaire. In: GUILBEAU, Nicole. *Il était cent fois la Corriveau*. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1995.
- VIGNEAULT, Gilles. *Une victime exergues*. Montréal: Nouvelles Édition de L'arc, 1971.